

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



A Igreja Católica e seus discursos de intolerância contra a Maçonaria na primeira República Paraibana (1890 – 1930)

José Pereira de Sousa Júnior¹

Em 27 de abril de 1872, foi redigido um Manifesto da Maçonaria do Brasil por Saldanha Marinho em que este se coloca contra o anticlericalismo da Igreja e do ultramontanismo clerical. Neste documento Saldanha faz uma ampla defesa da maçonaria no Brasil, ressaltando suas tradições e sua participação na vida social dos brasileiros. Neste mesmo documento, Saldanha mostra o descontentamento da maçonaria frente a intolerância Católica, pois a mesma realiza seguidos ataques às ordens maçônicas, ameaçando de excomunhão á aqueles que participarem de tal ordem.

Acrescenta ainda, que estas perseguições aos maçons teriam começado com o Bispo do Rio de Janeiro que à época chamava-se Pedro Maria de Lacerda, que por sua vez, afirmava que o Jesuitismo e a Maçonaria eram dois inimigos irreconciliáveis separados por um abismo que não pode ser aplanado, porque representa o passado, que assim como não se inventa, não se pode suprimir nos vastos domínios da história. A passagem abaixo nos mostra o quanto é revelador o descontentamento da maçonaria frente à intolerância Católica e, principalmente ao Bispo Pedro Maria Lacerda.

Nunca houve no seio do império quem tivesse a coragem e cumprimento de uma excomunhão papal que jamais se deveria estender ás associações maçônicas do Brasil attento que, por forma alguma, hão contrariado os preceitos do legitimo poder espiritual.

Só com o aparecimento do Sr. D. Pedro Maria de Lacerda no mundo catholico pôde ganhar o ultramontanismo a esperança de um diligente adversário contra a Maçonaria brasileira; só por um bispo, que parece ainda crer no possível revigoroamento da companhia de Ignacio de Loyola, poderia ser lançado o primeiro cartel do desafio a milhares de homens honestos e decididos que bem descobrem no jesuitismo, o mais danoso inimigo da Igreja.

¹ Professor Adjunto na Universidade de Pernambuco (UPE) – Campus Mata Norte. E-mail josepereira.junior@upe.br

Mas, o ultramontanismo entende que prevenir é ameaçar, e ensinar é castigar. O ultramontanismo, herdando as desconfianças do jesuitismo, é visionário sempre disposto a encontrar inimigos nos intellectos que lhe fazem objecções, porque desejam aprender. Que modo singular de combater em nome da Igreja! Abafar a palavra, escravisar o pensamento, porque a discussão é reputada um estímulo do erro! Esse despotismo pintam a Maçonaria como um phantasma horripilante do Catholicismo.[...] (Manifesto da Maçonaria do Brasil – Assembleia Geral do Povo Maçônico, Rio de Janeiro, 27 de Abril de 1872. CASTELLANI, José. Os Maçons e a Questão Religiosa. Londrina – PR. Editora Maçônica “A Trolha” Ltda, 1996.)

Este manifesto escrito pela pena do jornalista e maçom Saldanha Marinho, nos abre alguns leques e possibilidades de reflexão sobre a relação entre Igreja e Maçonaria, ao que nos parece, vinha ao longo do século XIX, mais especificamente a década de 70, como uma relação amistosa e suportável, não podemos dizer de aproximação íntima, mas, de certa diplomacia. Porém, no ano de 1872 por conta da questão religiosa os ânimos se arrefeceram e o que agora era diplomacia, torna-se um conflito aberto com acusações e defesas mútuas entre ambas.

Segundo Alexandre Mansur Barata (Barata, 1999, p. 100), Saldanha Marinho foi um dos principais expoentes do liberalismo clássico dentro da comunidade maçônica. Como jornalista publicou vários artigos no Diário do Rio de Janeiro e no Jornal do Comércio sobre a defesa da separação da Igreja e do Estado e sobre a liberdade de consciência. Esta, para ele, era incompatível com o regime de união entre Igreja e Estado. Para Saldanha Marinho, era dever da maçonaria obedecer ao bom senso e a razão, disseminando a educação livre e racional, promover a instituição do casamento e do registro civil, defender a secularização dos cemitérios e promover a liberdade de culto.

Era frequente encontrar artigos publicados por membros da Igreja Católica em resposta aos discursos e ideias de Saldanha Marinho, o qual afirmava que, embora a maçonaria tenha sido censurada pela Igreja, os maçons a respeitavam e acatavam sua autoridade. Num desses artigos, podemos perceber esse fato:

S.S. afirma em seu 1º, que ninguém mais do que os Maçons respeita e acata a autoridade da Igreja; e ahi mesmo blasona de desprezar suas armas, isto é, as proibições, as censuras e penas espirituais por Ella comminadas. Póde conceber-se mais flagrante contradições? Calcar os preceitos da Igreja e vir simular-nos que a respeito! Tratar com antigualhas suas penas, e dizer que acatão-nas!²

² Resposta ao discurso do Sr. Conselheiro Saldanha Marinho proferido na Assembleia Maçônica a 27/04/1872 dada por S.G.L a 27/05 do mesmo ano. Rio de Janeiro: Tipografia do Apostolo, 1872. (Respeitou-se a grafia original).

Como podemos perceber, as lideranças maçônicas diziam-se contrárias aos ideais católicos e não a Igreja Católica em si, pois defendiam a liberdade religiosa e o respeito a todas as religiões. Mas, a Igreja via nisso uma contradição: como os maçons podiam dizer que respeitavam a Igreja se, ao mesmo tempo, iam contra os princípios católicos? Provavelmente, a crítica dos maçons era direcionada a instituição e sua forma conservadora e em muitos casos intolerante, assim como suas ações impositivas aos comportamentos sociais, quando na verdade, muitos clérigos eram tão pecadores e falíveis de erros e equívocos como qualquer pessoa que não pertencesse as estruturas eclesiásticas. Ou seja, a crítica era endereçada a instituição e sua hierarquia, vista pelos maçons como conservadora e tradicional.

Não devemos esquecer que muitos maços eram católicos, tinham estudado em escolas católicas e vinham de famílias de tradição católica, até porque não existia impedimento jurídico para que alguém que quisesse ser maçom teria que renunciar ao catolicismo. A crítica dos maçons a igreja vai no sentido de como esta utiliza-se do poder espiritual para impor regras, normas de condutas sustentadas num discurso religioso. E diante destas querelas entre Maçonaria e Igreja, a segunda colocava-se como vítima da segunda, associando muitas vezes a maçonaria ao poder diabólico, herético.

Nos debates que caracterizam o período da “Ilustração Brasileira” percebemos de um lado, a maçonaria, ligada ao pensamento liberal e, de outro, a Igreja Católica identificada com o pensamento conservador e passando pelo processo de romanização³. Essa bipolarização liberais (maçons) versus conservadores (católicos) deve ser relativizada. Não é possível afirmar que todos os maçons fossem liberais, adeptos dos ideais republicanos, abolicionistas e cientificistas.

Alguns tinham fortes ligações com o catolicismo, com a empresa escravocrata e com políticos conservadores. Também não se pode dizer que todos os membros da

³ Romanização: A romanização nasceu dos esforços da Igreja para reafirmar seu poder e influência em meio às grandes mudanças produzidas pelo mundo moderno. No Brasil, a romanização representou a modernização conservadora do catolicismo e a tentativa de preservar suas tradições. Mas, a romanização iniciada pela Igreja procurou se adaptar a uma nova sociedade, defendeu a ortodoxia, a autoridade clerical e o fim da autonomia leiga. Este processo de transformação da Igreja, familiarizou o brasileiro com os ensinamentos tridentinos e com os rituais prescritos para o nascimento, o casamento, a procriação e a morte. Levou ainda, a construção de muitas Igrejas, seminários e colégios de cunho religioso.

Igreja Católica fossem adeptos do conservadorismo, uma vez que alguns eram filiados a lojas maçônicas e defendiam os ideais progressistas dessa instituição. Nesse embate ideológico, temos uma reação católico-conservadora contra as ideias liberais e científicas se traduzia na negação da liberdade de consciência e de cultos, na defesa da monarquia como a melhor forma de governo, na defesa da cidadania como privilégio dos católicos e na negação da educação laica. (Barata, 1999. p. 21).

O discurso maçônico, por sua vez, se estrutura a partir da crença na universalidade da natureza humana e no racionalismo, pressupostos importantes para o Iluminismo. Sendo uma instituição voltada para o aperfeiçoamento moral de seus membros e pregando a liberdade de pensamento e a independência da razão, “a maçonaria assumia o compromisso das Luzes de combater as ‘Trevas’, representadas pela ignorância, pela superstição e pela religião revelada” (Barata, 1999, p. 92).

Ressaltamos, que não queremos tomar a causa nem da Maçonaria, nem da Igreja, pois ambas são sustentadas por princípios sejam religiosos ou morais, e ambas desenvolveram práticas solidárias a sociedade, cada uma a seu modo de ação e organização. Podemos citar, por exemplo, que as ordens maçônicas tem seu caráter beneficente, o patriotismo de seus membros, a solidariedade existente entre eles, a tolerância religiosa, a igualdade e a fraternidade maçônicas.

Querelas entre Maçons e Católicos na Paraíba republicana.

Nesta primeira República, vamos acompanhar intensos debates entre a maçonaria e a Igreja Católica, e na Paraíba, estes debates e combates serão feitos pelo Arcebispo Dom Aducto Aurélio de Miranda Henriques que governou a arquidiocese da Paraíba entre os de 1894 a 1935, e neste período empreendeu várias realizações no seio católico, inclusive no combate a Maçonaria, o protestantismo e o espiritismo, além de incentivar as visitas pastorais em todo o Estado e promover o ensino religioso, objetivos estes proposto pela romanização católica.

No ano de 1897 é criado na capital da Província da Paraíba do Norte, o Jornal A Imprensa Catholico, era de circulação semanal e dirigido pela Igreja. Em 1903 o jornal para de ser produzido – não sabemos os motivos de seu fechamento – e volta a circular entre os anos de 1912 a 1943. Com um conteúdo voltado para as questões católicas, de ensino religioso, de cartas pastorais que ditava os rumos da igreja e de seus cidadãos,

assim como grandes críticas ao comportamento social da população paraibana, assim como pesados ataques a maçonaria, ao protestantismo e ao espiritismo.

A criação do Jornal A Imprensa Catholica na Província da Paraíba, possivelmente foi um ato de promover a Igreja através de seus escritos, assim como disseminar entre seus leitores as bases de uma conduta moral, social e religiosa. Foi ainda, uma das estratégias de ação para a romanização, além de ser porta-voz dos interesses confessionais católicos. Era um jornal a serviço da Igreja e em defesa da “verdade” pautada na religião católica.

Vale salientar, que em muitos momentos de entusiasmo e orientados pelo clero, cometeu preconceitos hostis, intolerâncias religiosas e políticas, fazendo duras críticas ao espiritismo, ao protestantismo e travou debates acalourados contra a maçonaria. Dizia D. Adauto, “Á imprensa católica, sobretudo, está confiada a missão de salvar a sociedade, de vivificá-la. A ela cabe defender Jesus Cristo e a sua Igreja” (LIMA, 2007, p. 175).

Em 1901 surgiu no Jornal a Imprensa Catholica uma série de artigos intituladas “Cartas Sertanejas”, de autoria do Índio Cariri, pseudônimo do jornalista e historiador Irineu Joffily radicado em Campina Grande. Nesses artigos, afirmava ser o jornal do commercio um órgão da maçonaria. A reação foi imediata por parte do O Commercio. Escrevera seus redatores em 15. 08. 1901, “Não somos tal órgão maçônico e apenas mantemos, por motivos de que não daremos explicação a ninguém, uma secção na qual a Maçonaria Paraibana, que tanto assombra ao índio cariri, pode aventar e discutir as suas ideias, sem a menor solidariedade de nossa parte”. (AEPB – Arquivo Eclesiástico da Paraíba), Jornal do Commercio, 15 de agosto de 1901 – Serie jornais avulsos).

Por sua vez, o jornal a Imprensa não perdia a chance de atacar seu concorrente, pois acreditava que o mesmo estava a serviço da maçonaria. E afirmava em matéria de 26.10.1902;

Criado sob as inspirações da maçonaria desta capital e para no momento dado atacar a Religião Católica, O COMMERCIO, longe de marchar pela diretriz de um jornal dedicado ao bem da classe comercial, se fez todo em ação em favor da seita, e pouco tempo depois, incendiário, servia a causa da revolução, do desprestígio, da luta entre irmãos, fomentando ódio e paixões, na pacífica terra paraibana. (AEPB – Arquivo Eclesiástico da Paraíba - , Jornal a Imprensa Católica, 26 de outubro de 1902, Serie jornais avulsos).

A suposta existência do segredo na maçonaria levava os não-iniciados e, principalmente os católicos, a imaginação das coisas mais terríveis possíveis ligados a

maçonaria, como bem demonstrava uma divulgação *dos direitos da maçonaria* e que foi publicada pelo Jornal A Imprensa Catholica da Paraíba de 1899.

Fingir e mentir, contanto que ninguém saiba. Se alguém te prejudica, esteja pronto o sicário para matá-lo, seja com a língua ou com o ferro, seja contanto que ninguém saiba. Se vês que alguém avanteja-se e prospera contra a tua vontade, faze que ele gema na abjeção e na miséria, contanto que ninguém saiba. Nenhuma religião te ligue a mente. Se Deus existe, está longe, e se não existe, não se deve temê-lo, por isso seja permitido tudo o que agrada contanto que ninguém saiba. Jura e perjura, mas não revelas nunca o segredo. (AEPB – Arquivo Eclesiástico da Paraíba), Jornal a Imprensa Católica, 27 de agosto de 1899, – Serie jornais avulsos).

Faremos uso de uma passagem contida no Jornal A Imprensa datado de 1915, em artigo intitulado “Maçon e Catholicos?”, para percebermos que está relação ao longo da republica, assim como no império, continuou atribulada, a saber;

Impossível, ou uma coisa ou outra ninguem póde servir a dois senhores. Ou se serve a Deus como catholico ou ao demonio como maçon.

A maçonaria é uma seita condenada pela igreja. Contra os maçons são comminadas sevêras penas: o maçon é escommungado e como tal é privado de tomar parte em certas funcções solemnes da igreja por este ser padrinho; é privado dos sufragios solemnes da igreja, como a sepultura ecclasiastica, exequias, etc,etc.

Porque, apesar de seus bonitos rotolos de beneficencia e philantropia, a maçonaria condenada por muitos códigos nacionaes é uma seita que occulta os mais tetricos e horríveis planos ante-sociaes e inhumanos. O maçon, quando não vinga coom o punhal ou a dynamite a frustração de seus caprichos satanicos, procura manhosamente, como vil serpente senhores levar ao lar, á família, á sociedade e aos indivíduos da corrupção moral, proporcionado ás doses.⁴

A passagem acima demonstra toda divergência de ideias e pensamentos com relação à maçonaria, vista pelo clero como seita diabólica e um atraso a sociedade católica da época, os membros da Igreja diziam não ser possível servir simultaneamente a dois senhores. Assim, podemos perceber, que no Brasil, tanto na fase do Império como nas primeiras décadas da Republica, Igreja e Maçonaria eram entidades inconciliáveis. Isto, porém, não encerra o debate e não implica dizer que não haja possibilidade de conciliação entre um sacerdote católico e um maçom católico.

A maçonaria conceitualmente representa um meio alternativo de sociabilidade no qual encontramos homens preocupados com a virtude, com a fraternidade, com a solidariedade, com a igualdade e com a liberdade. Entretanto, esta preocupação

⁴ IHGP – Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, Jornal A Imprensa Bi-semanario catholico - Parahyba- Terça-feira, 17 de Novembro de 1914 - ANNO XII – A grafia foi mantida a mesma da época.

idealista dos maçons não os obriga a uma atitude extremada na busca dos seus objetivos. Os próprios estatutos da sociedade e a constituição das potências maçônicas determinam total liberdade de pensamento.

Se alguns maçons se consideram espiritualistas, ocultistas ou místicos estão a praticar o direito do livre pensar. Os maçons, em nosso entendimento, nada mais são do que homens que procuram viver em comunidade e em comunhão com o mundo. Não são revolucionários no sentido da luta contra o poder constituído, mas progressistas no sentido de promover o bem-estar no espaço em que vivem.

Porém, ao voltarmos para os acontecimentos da segunda metade do século XIX, o que vemos enquanto análise historiográfica é um intenso debate entre a Maçonaria e a Igreja Católica. As relações entre Maçonaria e Igreja são muito complexas, ainda mais se considerarmos a grande presença de padres maçons, especialmente no Brasil do século XIX. Após os acontecimentos do Rio de Janeiro, como vimos acima, o acirramento e os discursos inflamados de ambos os lados tornaram-se frequentes em quase todas as províncias onde existia Igreja e Maçonaria.

A maçonaria sempre fora identificado como um problema para a Igreja Católica. De acordo com Alexandre Barata (Barata, 1999, p. 140), a maçonaria era encarada pelo catolicismo, desde o século XVIII como um movimento conspiratório. Várias bulas e breves foram editados pela Igreja a fim de condenar à maçonaria ao ostracismo. A Igreja, através dos jornais e pastorais intensifica o conflito com a Maçonaria, acusando-a como a principal instituição responsável pela decadência do Poder Espiritual. Vejamos o que diz a Instrução Pastoral do Bispo de Olinda Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira no ano de 1875.

A todo o Clero e Fieis das Provinciais de Pernambuco, Alagôas, Parahyba e Rio Grande do Norte, saúde, paz e benção em Jesus Christo, nosso adorável Salvador. A Igreja de Jesus Christo, Irmãos e Filhos dilectissimos, tem sido sempre mais ou menos perseguida pela impiedade, nunca cessou de lutar com inimigos sanhudos que haviam jurado a sua ruína total [...]

Este inimigo formidável, já vosso coração o adivinhou, é a Maçonaria, a Maçonaria, peor que todos aquellos antigos adversários; porquanto, reunindo-os em si a todos elles, fundindo-os juntos, constitue um todo poderoso, a personificação ou unificação de todos elles, que faz hoje a um só tempo tudo o que elles fizeram, cada um de persi, em epochas remotas umas das outras [...]

Sob as odiosas denominações de fanatismo, ultramontanismo, romanismo, jesuitismo, etc. não cessa a Maçonaria de mover guerra sem treguas ao Catholicismo, combatendo-o a todo o transe, por todos os meios, por todos os lados. Nesta lueta renhida, travada há séculos, tem de ordinário a máxima

parte nas tribulações a Ilustre Sociedade de Jesus, que, estando sempre a pé firme do Senhor, é a que primeiro arrosta com o ódio, furor e impetuosos accommetimentos das hostes adversas.

No momento em que vemos, Irmãos e Filhos caríssimos, a seita maçônica prosseguir dissimulada e afanosa, mais que nunca, na sua obra de demolição contra a Igreja Catholica, de um lado tentando illaquear a boa fé dos homens simples, probos e honestos, e de outro suscitando contra os venerados Padres Jesuitas uma dessas tempestades que as Paginas Sagradas nos representam debaixo da pavorosa figura de turbilhão impetuoso e de chamma devoradora, cumpre-nos, a exemplo do grande Apostolo das nações, honrar o nosso ministério. Soltamos o grito de alarma, bradamos – alerta! Cumprimos o dever de atalaia de Israel. Ai, porém, daquelle que for surdo!

Attentos, pois, de animo calmo e repousado, ouvi, ó Filhos de minha alma! Ouvi a voz de Deos que pela nossa boca vos exhorta e vos põe de sobreaviso.⁵

Mesmo sendo uma passagem longa, as questões a que esta carta coloca são importantes para se analisar a querela entre Igreja e Maçonaria. Na carta que também é direcionada a outros Bispos, especial da Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte, a mesma conclama aos fiéis a estarem de prontidão e alertas com o inimigo. Inimigo este de longas datas, e que agora chegava ao Brasil com ideias libertarias e questionadoras as ações da Igreja Católica.

O interessante é a narrativa de momentos históricos distintos utilizados pelo Bispo para justificar o perigo que a Maçonaria representava para a Igreja e os irmãos católicos. O discurso de convencimento acerca dessas proposituras acontecia num nível existencial profundo, sagrado, religioso, protetor da Igreja e dos fiéis. Apenas nele o sujeito sente-se em uma dependência total de uma realidade que ele reputa como absoluta. Defendiam uma instituição sagrada, salvacionista.

Quando analisamos o discurso do Bispo, percebemos que sua atitude estava assentada sobre preceitos políticos, morais e teológicos, e evidentemente no sentido de condenação à tolerância religiosa praticada e defendida pela Maçonaria. Avaliando esta posição, que no nosso entendimento não era somente do Bispo, mas também de Roma na longa duração de três séculos, observamos fatores intrínsecos responsáveis pela criação no seio da sociedade luso-brasileira da desconfiança sobre as intenções maçônicas.

⁵ Instrução Pastoral do Bispo de Olinda aos seus Diocesanos sobre a Maçonaria e os Jesuítas. 1875 – Rio de Janeiro, Typografia do Apostolo, n. 14 / 18 – código de referencia – UC-NRLF – B 180 / 477 – Disponível para impressão em <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/227326>. Acessado em Janeiro de 2022.

Acreditamos que o resultado deste intenso antimaçonismo praticado oficialmente desde o século XVIII pela Igreja, contribuiria para a demonização da Ordem Maçônica. A bandeira levantada pela Maçonaria em nome da razão e do progresso humano, protegida pelo “segredo”, tornava-se para o Vaticano e também para os Bispos brasileiros uma evidencia das intenções “maléficas” dos integrantes das ordens maçônicas. Assim, no entendimento do clero, e aqui representado pelo Bispo Dom Vital, era preciso à união dos fiéis católicos para combater o “terrível” inimigo.

Considerações finais

A maçonaria pode ser entendida como a rede de sociabilidade, porque ajuda a compreender a construção de uma nova cultura política, marcada por um forte processo de politização do espaço intelectual organizado pela própria maçonaria. No interior das lojas, os maçons construíam uma forma social própria, baseada na liberdade, igualdade e fraternidade.

Compreendemos que a Maçonaria seja uma instituição formadora de opinião e que isto implica a necessidade de pensá-la, antes de tudo, como uma forma específica de sociabilidade que possui caráter secreto-fechado. Assim, podemos perceber que a Maçonaria no final do século XIX se transforma em centros de discussão e de formação de consenso sobre grandes temas que procuravam construir uma nova identidade nacional.

Dentro do contexto da primeira República, podemos dizer que os atritos entre a Igreja e a Maçonaria ganham tons mais ásperos, e temos no Jornal A Imprensa Catholica um veículo de combate aos maçons e a maçonaria. É dentro deste sentimento de não respeito a diferença que a perseguição à Maçonaria funda-se. Neste sentido, a Igreja Católica lançou mão de vários recursos para construir uma representação em relação ao outro, que justificasse aos seus setores institucionais e seguidores, uma “desculpa” para uma crítica sistemática aos maçons e a Maçonaria.

Referências bibliográficas.

BARATA, Alexandre Mansur. Luzes e Sombras: a ação da maçonaria brasileira. Campinas: UNICAMP, 1999.

_____. Maçonaria, Sociabilidade Ilustrada e independência (Brasil, 1790 – 1822). Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

_____. Discutindo a sociabilidade moderna: o caso da maçonaria. In. *Narrar o passado, repensar a História*. Campinas: 2000. p. 215-234.

CATELLANI, José. *Os Maçons e a Questão Religiosa*. Londrina – PR. Ed. Maçônica – A trolha, Ltda, 1996.

COLUSSI, Eliane Lucia. *Plantando Ramas de Acácia: A Maçonaria Gaúcha na segunda metade do século XIX*. Tese de doutorado. PPGH – UFRGS, 1998.

FIGUEIREDO, Francisco Severiano de (Org.). *Anuario Ecclesiastico da Parahyba do Norte*. Parahyba do Norte: Torre Eiffel, 2 v., 1919.

_____. *A Diocese da Paraíba*. Tipografia A Imprensa, 1906.

FERREIRA, Lúcia Guerra. *Igreja e Romanização: Implementação da Diocese da Paraíba (1894/1910)*. 1994. Tese de Doutorado em História – USP. 1994.

HENRIQUES, Dom Adauto Aurélio de Miranda. *Cartas Pastorais 1894 / 1935*. Paraíba do Norte. Arquidiocese da Paraíba. AEPB - Arquivo Eclesiástico da Paraíba.

HERMANN, Jacqueline. “*Religião e Política no alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado*”. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 121-160.

HORTAL, Jesus. *Maçonaria e Igreja Católica: conciliáveis ou inconciliáveis?* São Paulo: Paullus, 2002. (Coleção Estudos da CNBB; 66).

LIMA, Cônego Francisco. *Dom Adauto – Subsídios Biográficos – Tomo I e II*. João Pessoa: Editora UNIPÊ, 2007. (Coleção Água Fria)

LEME, Dom Sebastião. *Carta Pastoral de 1916*. Rio de Janeiro, Typografia Vozes de Petrópolis. 1916.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *A Igreja Católica no Brasil Republicano*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

_____. *Os Bispos do Brasil e a Imprensa*. São Paulo. Loyola, 1983. (Cadernos de História da Igreja no Brasil, 2).

MANOEL, Ivan Aparecido. O Pêndulo da História: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960). Maringá, PR: Eduem, 2004.

MICELI, Sergio. A elite eclesiástica brasileira. (1890 – 1930). São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009.

SERBIN, Kenneth P. Padres, Celibato e conflito Social: Uma história da Igreja católica no Brasil. Tradução Laura Teixeira Motta – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTOS, Ednaldo Araújo dos. *Arquidiocese da Paraíba (1914 / 2014): História e Memória*. João Pessoa: Gráfica Moura Ramos, 2013.

KLOPPENBURG, Dom Boaventura. Igreja e Maçonaria: conciliação possível? Petrópolis, Rio de Janeiro; Ed. Vozes, 1992.

VIEIRA, Dilermando Ramos. O processo de reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926). Aparecida, SP, Editora Santuário, 2007.

VIEIRA, David Gueiros. O protestantismo, a maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil. 2 ed. Brasília: UnB, 1981.